



Sobre a diferença sexual

Marcus André Vieira

Resumo

As diferenças, os pares de opostos da linguagem é difícil imaginar que se pode estar na cultura, em um laço social com o mínimo de coesão e coerência se a gente não tem de vez em quando isso, esse: “uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa”. Esses binários precisam do falo para se manter? Essa é a questão, a situação que a gente está encontrando.

I. Desordem na cidade edípica

Podemos partir da constatação quase óbvia de que há uma desordem generalizada no tema da diferença. Da diferença em geral, mas especialmente da diferença sexual. Há uma implosão de gêneros, e a gente sabe, já comentei isso antes, basta lembrar que para o *facebook*, no Brasil há 17, nos Estados Unidos 57.

As pessoas tendem a pensar que a questão seria que o bom e velho sexo continuaria sendo biológico, binário, macho e fêmea, já os gêneros, que são culturais é que estariam explodindo, que a cultura estaria agora assim, plural. Engano. Foucault já marcava, Judith Butler, insiste muito e mesmo Simone de Beauvoir dizia também: *o sexo, de certa forma, também é cultural*, o sexo no sentido biológico, inclusive macho e fêmea também é uma formação da cultura. A ideia de se tornar mulher, como afirmou Simone de Beauvoir, assim como a ideia de tornar-se homem, já diz isso. Não se nasce homem, sem a cultura há apenas uma série de traços não uma identidade. O agrupamento desses traços e características em uma identidade biológica, homem ou mulher, já é em grande parte cultural. O que se passa de fato é que há uma espécie de massa biológica, não muito claramente formada, um serzinho indefinido, como a gente diz, a partir de Lacan, retomando a expressão de Freud, um *perverso polimorfo*. E ele só se torna uma identidade sexuada, inclusive macho ou fêmea, a partir da cultura.

A partir daí há todo um mundo de gente, que merece o termo *reacionário*, porque reage a este abalo da estrutura patriarcal, buscando afirmar, com Deus ou com uma pseudociência de que o mundo foi feito com dois, macho e fêmea.

Quero agradecer o convite para participar dessa forma, à distância, do trabalho de vocês, na abertura do núcleo Carrossel. Agradeço à Analicea, à Mônica. Agradeço também a Nohemí Brown por ter me enviado os textos da V Jornada do Instituto Psicanalítico da Criança que pautam um pouco o trabalho do CEREDA esse ano, aqui no Brasil e também no núcleo de vocês. O tema desse trabalho é *A diferença sexual* e vocês me pediram para falar um pouquinho disso. A possibilidade de ter lido os textos foi preciosa e pensei algumas coisas.

Este texto se encontra exclusivamente publicado no site Litura.

Durante séculos e séculos, talvez sempre, era necessário, para a manutenção do laço social, de sua coerência ou coesões mínimas, definir um binário. A gente sabe que isso agora está meio abalado. Primeiro, não é preciso que esse binário seja tão eficaz como antes, porque por exemplo, para a reprodução da raça, é possível dispensar o comparecimento do macho e da fêmea. Mesmo que isso não aconteça tanto na prática, basta que a reprodução assistida seja uma real possibilidade, que essa ideia se difunda, para ficar em segundo plano a absoluta certeza de que é necessária, absolutamente necessária, com Deus e a biologia, a diferença entre macho e fêmea.

Por um lado, a *técnica* perturba o binário, a naturalidade do binário, por outro lado, também perturba a naturalidade da distinção das gerações. Já usei esse exemplo antes: um chofer de táxi que chegou agora na praça, tendo o seu GPS, ou Uber, se vira. Não precisa de 30 anos de experiência decorando os nomes das ruas. A mesma coisa vale sobre as crianças e o *google*. Quando o saber é completamente acessível e o problema é mais de encontrar o saber que vale, mas ele está aí para todos e não só para alguns. Novamente, isso não precisa ser verdade. Sabemos o quanto pesa a exclusão digital, mas basta que seja uma crença difundida de modo geral.

Constata-se então um abalo nas diferenças, na diferença fundamental digamos a antiga binária e promove também toda uma reação. A gente vive o poder dessa restauração forçada na marra, no estilo paranoico, dessa dualidade que tem que ser reafirmada. Nada leva a crer que isso vai durar porque esse abalo é irreversível, a não ser ao preço de uma violência, uma guerra infinita, sempre reafirmando essa dualidade com Deus e a pátria acima de tudo. Isso pode durar.

II. Binário fálico e binário estrutural

A queda do patriarcado já não nos assegura a naturalidade da dualidade macho e fêmea e isso leva a uma espécie de desordem. Dito em nossos termos, *o falo não dá mais as cartas*. Foi com base no falo que Freud fez a descrição da maneira como se sustentava o binário hetero, o falo sustenta essa distribuição. Freud não propõe que isso seja o melhor, mas apenas descreve no detalhe como se forjava essas duas identificações, esses dois gêneros, em sua época. Descrição retomada e logificada por Lacan.

Segundo essa descrição, que chamamos de *metáfora paterna* com simplesmente *Édipo*, aqueles que tem o falo ao alcance da mão, vão a princípio, parecer mais bem dotados, melhores, porque tem uma satisfação possível, mais ou menos direta. Mas, não. Eles vão ter medo de perdê-la. Alguém pode tirar essa satisfação deles. Então eles vão precisar buscar aqueles complementos fálicos, uma mulher, costuma ser o melhor, estar com ela pode garantir que o falo deles encontrou a melhor mulher, então, reduz-se o temor.

Por outro lado, aqueles que se localizariam sexualmente a partir das *identificações edípicas* como não tendo o falo, teriam desde saída a certeza que ter de passar por outro corpo para encontrar sua satisfação e eventualmente exercer algum poder, o que não faz desse lado, necessariamente o lado pior. Tudo depende muito do estado da cultura.

Os dois, e é isso que Lacan vai promover na sua logificação, os dois se situam contra um fundo de negatividade generalizada que ele vai chamar de castração. Castração não é aquela que incide sobre o órgão daquele que se crê masculino, castração não é mutilação. *Castração* para Lacan é o fato de que os dois tem que lidar com essa negatividade fundamental. De um lado, ela se apresenta como medo de perder, ou

a necessidade de afirmação viril, do outro, essa negatividade se apresenta como não tendo de saída acesso direto à satisfação, ao gozo, sendo preciso necessariamente passar por um suplemento, outro corpo, para poder realizar suas ações. Um lado, sempre limitado pelo medo de perder, do outro, o ilimitado de alguém que parte do não tendo ou só tendo “sendo com”, o que leva a uma capacidade de formar laços e uniões fortes e muitas vezes bem mais interessantes que as do outro lado.

Essa é a diferença sexual estabelecida pelo falo e é isso que está bagunçado. Essa diferença binária não tem mais o mesmo valor de naturalidade, de universalidade. Conta sim, claro, pra muitos, mas não é aquela que se pode dizer que tem universalidade a ponto de se tornar como, tomada por real.

É o que vai dizer M.H. Brousse de modo categórico (só ela para falar essas coisas, com essa coragem), mas o mais importante é a distinção que ela propõe. Podemos relativizar, abalar o binário fálico, edípico, mas a diferença, *o binarismo básico para o funcionamento da linguagem*, esse não dá para a gente perder. É a tese dela que sustento. Dia e noite, claro e escuro, eventualmente, homem e mulher, mas no sentido de um se definindo em contraposição ao outro, como seu oposto complementar. As diferenças, os pares de opostos da linguagem é difícil imaginar que se pode estar na cultura, em um laço social com o mínimo de coesão e coerência se a gente não tem de vez em quando isso, esse: “uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa”. Esses binários precisam do falo para se manter? Essa é a questão, a situação que a gente está encontrando. A ideia é que não, há outros meios.

III. O gozo e os binarismos

Para estabelecer a diferença que faz diferença em cada situação, não é preciso acreditar que ela é obra de Deus, ou acreditar que a tradição, ou o pai sabe qual é a diferença. É preciso, porém estabilizar alguma diferença senão ficamos em uma geleia geral incompatível com o laço social. Mil maneiras são possíveis, a da negatividade fálica, que é a crença no poder da tradição é apenas uma delas. Caminhos alternativos para estabilizar a diferença entre o gozo ou a diferença entre as identidades, ou preto e o branco. Que outras maneiras? Desde sempre foi possível, demonstrado, desde Freud e Lacan que havia caminhos alternativos. Um deles, por exemplo, foi chamado *psicose*.

Mas exatamente a psicose, entre outros desses caminhos, nos ensina que há outra diferença em questão. O essencial para o analista não é exatamente a diferença entre o preto e o branco, entre os binários da cultura e o modo como eles podem repartir nosso gozo. É a diferença entre o conjunto desses binários, o do sistema da linguagem, entre o preto e o branco, o dia e anoite, necessários para a estabilidade do laço social de um lado, e aquilo que da vida insiste e exige em nós e que a gente chama de *gozo*, do outro.

Não gozo no sentido de prazer, que vai se estabelecer a partir das diferenças, a partir da distribuição do gozo nos caminhos da cultura, seu escoamento na vida de todo dia. Não é isso, mas uma espécie de *fundo último intenso das coisas*, o gozo no sentido daquilo que “invade, arde, e fim”, como diz Djavan, ou como o que “não tem remédio, nem nunca terá”, como diz Chico Buarque. É o gozo pulsional, se enfatizamos a pulsão mais que seus objetos.

Então, será a pulsão em sua exigência de vida e o sistema da dualidade, o sistema binário da cultura, de outro. Essa diferença é a essencial para o analista porque o que vamos tentar em uma análise é fazer com que alguma coisa desse gozo singular

ressoe no sistema de fala de alguém sem escoar em seus desfiladeiros. Não é seu sistema de fala, sua fantasia, que vai dizer seu gozo singular, mas a análise faz com que esse gozo torne essa fantasia mais encantada porque ela aceita que ele a transborde, é isso a *ressonância*. Encontrar um lugar para esse gozo pela ressonância quer dizer que em vez do gozo ficar de fora e aquilo que se debate entre o consciente e o inconsciente se esvazie (ou fica numa guerra inútil), a chegada desse gozo vai trazer alguma coisa que a gente chama estilo ou *singularidade*. Ele fica ali, entre-dois, ou êxtimo, dando uma vida especial ao todo, vou usar um termo que talvez seja meramente de efeito retórico, mas o gozo, na vida, dessa forma faz dela uma vida mais autêntica. Essa é a ambição de uma análise.

Desde o começo de uma análise, porém, já buscamos e trabalhamos justamente com aquilo que não se encaixa no sistema das diferenças, sistema que inclui, inclusive o inconsciente. Quando um material recalcado chega do inconsciente, ele vem com a força do gozo, com sua *carga libidinal*, mas o material passa a se articular com o consciente, começa todo um diálogo e esse gozo fica em algum lugar por ali, entre, *homeless*. É esse gozo que interessa, interessa fazer com que o analisante possa reconfigurar o eu, sua vida, sua identidade a partir desse excedente pulsional que desagua na consciência vindo do inconsciente e, em última instância, que ele possa aprender um modo de “fazer com”, se *virar com esse gozo*, sempre novo e sempre perturbador nas infinitas formas com que ele apareça.

IV. O objeto ambíguo da psicanálise

Como encontrar esse gozo deslocalizado? Nos tempos de Freud bastava procurar o sexual e o infantil, bastava falar disso um pouco e já vinha essa força de perturbação do sistema de diferenças do ego. Hoje é preciso um pouco mais, perceber, como Lacan, indicou que o importante nesse campo, da sexualidade é o modo como nele pululam ambiguidades e mal-entendidos. É preciso nos deixarmos guiar pelo equívoco, a ambiguidade. Pode ser que seja necessário definir que “uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa”, mas sempre há algumas coisas que são as duas. Certo, “pão-pão, queijo-queijo”, mas há também o pão de queijo.

Para ficar na metáfora gastronômica, lembro do exemplo de Lacan nas conferências em *Yale*. É quando Maria Antoniete lança sua célebre tirada: “Os pobres estão passando fome e querem pão? Que lhes deem *croissants*, que lhes deem brioche. Esse brioche para Lacan é como o pão de queijo, não é nem pão e nem deixa de ser pão, é alguma coisa que é pão, mas muito mais. É como essas coisas que permitem que a linguagem permite que de vez em quando são, que o sistema de diferenças não permite trazer alguma coisa que a linguagem pode trazer, o sistema binário da linguagem digamos da conversa lógica não traz, e é isso que interessou desde sempre ao analista chegar no gozo singular fazê-lo dizer-se a partir do que na língua é mal resolvido, ou que nas lembranças é fragmentado, perturbado, e é isso que a gente tenta trazer pra cena. Hoje isso está muito difícil, junto conosco temos os poetas, os artistas, os trans, que se apresentam como essa coisa ininteligível e nesse mundo escoraçados pelo sistema reacionário vigente é nesse mundo ameaçado de morte que a gente vai procurar nossas coisas e é nesse mundo que a criança também procura suas coisas.

A criança está imersa em objetos heteróclitos, em objetos que produzem esse lugar de uma diferença absoluta, a diferença binária, a diferença entre o gozo e o sistema binário, que Lacan chamou de diferença absoluta ou entre a pulsão e o ego, ou entre o gozo e a identidade, essa que nos interessa e ela vai se apresentar assim nos pedaços, nos restos, nas coisas estranhas. A questão definida pela 5ª jornada, o

tema pela 5ª jornada do instituto da criança que eu acho então que vai ser também o tema desse ano aqui é que a diferença sexual, se aborde como uma investigação, como as crianças estão chegando a possibilidade de estabilizar, como nossas crianças estão criando a estabilidade da diferença sexual, no sentido binário com ou sem o falo, no sentido de estabilizar o binarismo básico pra transitar no laço social com o mínimo de estabilidade com ou sem o falo e sobretudo como é que nessa estabilidade dum diferença pra falar entre noite e dia, por exemplo, entra um pouco o que é ambíguo como é que se localiza e vive o que é pulsional, isso é o que a gente vai procurar em cada um, isso é o que me parece que é o grande trabalho do nosso desafio, ouvindo as crianças mas ouvindo os adultos, ouvindo o infantil dos adultos e eu

V. Uma criança é estruturada

Pensei num fragmento de um relato de passe, de testemunho de passe que me parece mostrar bem como é que isso se fixa, como a diferença se fixa e ao mesmo tempo dá algum lugar ao gozo. Vou concluir com esse exemplo. É de Raquel Cors Ulloa, a partir de um texto dela que li recentemente. Vou ler algumas passagens para vocês. Ela diz assim: “Acho que eu tinha uns 6 ou 7 anos, era noite, brincava com minha boneca favorita, ela tinha olhos bonitos e cabelos longos. Minha avó acompanhando um jogo insistia que eu fosse dormir me dizendo: olha, seu bebezinho está com frio, tá de noite, ele tem que dormir. Ignorando sua demanda eu consegui continuar brincando um pouco mais com minha boneca. Então, de repente, inesperadamente, ouvi um bebê horrível chorando, um grito. Minha boneca estava realmente chorando, minha avó dizia: ela está com frio, ela está chorando, e eu ouvi esse grito. Horrorizada, demorei alguns segundos para condensar esse axioma num roteiro; eu tinha que dormir. Entre apavorada e paralisada consegui correr pra me abrigar na cama dos meus avós e por sua cumplicidade riram enquanto me faziam dormir, certificados que eu aprendi a lição: as crianças têm que ter hora pra dormir, viu? Agora, ela se pergunta no texto: que choro é esse que eu ouvi? Sim porque não foi alucinação, eu ouvi alguma coisa, veio junto nesse som, foi o som de um gato, um gato miando no telhado e esse gato entrou ali como quase alucinação, talvez uma criança também chorando ao mesmo tempo no vizinho e viesse fixar nesse momento por essa voz a presença que aquela criança naquele momento estava na hora, os avós tinham razão, não era horário de brincar. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, os avós sabem, vai pra cama, vai dormir, não é hora de ficar sem limites, é o que ela diz. A captura da cena da voz nessa cena, teve o valor de limitação para o gozo. Acho que esse exemplo, não é à toa que de uma menina, mostra como há outros caminhos mesmo para crianças, digamos bem organizados pela chave fálica pra condensar o gozo, limitar o gozo e definir uma identidade ou entrar no manual de ações e poder seguir a tradição, sem necessariamente passar pela chave fálica. Nesse caso não foi exatamente porque os avós tinham razão, foi porque alguma coisa do gozo dela e do gozo do sonoro da voz do objeto voz se marcou e se organizou em seu corpo. Talvez algumas crianças hoje só possam fazer assim, outras vão ter esse momento no dia seguinte vão chorar com a mãe e a mãe vai explicar que o que aconteceu naquele dia, foi isso foi aquilo, mas que ela ficou em paz porque o sistema edípico pode regular esse gozo dela de jogar. não foi preciso a intervenção de um som que foi amarrado ao corpo como ponto de limitação. Que fique esse exemplo que eu consegui imaginar mas eu poderia pensar em muitos outros e que a gente vá nessa nossa comunidade produzindo uma coleção de experiências e uma discussão, uma casuística que nos permita estar à altura disso que está acontecendo que é o falo define alguma diferença, outras coisas definem

a diferença e as crianças estão aí produzindo uma articulação entre o gozo e a identidade, que mantenha, é o que a gente vai tentar com elas, que não é, vamos lá aprender com as crianças porque elas sabem, a gente aprende com as crianças como elas pilotam o *I Phone* muito melhor que nós, mas a gente aprende com as crianças, como elas ralam num trabalho difícil para articular o gozo com a identidade e nisso a gente tem algumas ferramentas, a partir das análises de adultos e de outras crianças.

Obrigado. Desejo um ótimo trabalho para vocês e para nossa comunidade.